



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

CARTAS TROCADAS: NARRATIVAS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES RURAIS EM INÍCIO DE CARREIRA

Lúcia Gracia Ferreira
(UESB)

RESUMO

Este trabalho refere-se a uma pesquisa de doutoramento em andamento, sobre professores rurais em início de carreira, realizada a partir da abordagem (auto) biográfica e do método das histórias de vida. Visa divulgar resultados iniciais sobre cartas trocadas entre a pesquisadora e os colaboradores da pesquisa. Dessa forma, as cartas vêm sendo trocadas desde o mês de abril de 2011 com três colaboradores dos municípios de Macarani e Maiquinique, na Bahia. As cartas tem sido um importante instrumento de coleta de dados, pois além de narrativas serem constantes nelas, essas também tem revelado muito sobre o professor da zona rural em início de carreira.

PALAVRAS-CHAVE: Professores rurais, Cartas, Narrativas.

INTRODUÇÃO

Este trabalho sobre cartas trocadas se constitui como sendo uma escrita inicial do projeto de pesquisa em andamento “Professores da zona rural em início de carreira: narrativas de si e práticas de formação”, desenvolvido a partir do curso de doutoramento, na Universidade Federal de São Carlos/UFSCar. Portanto, torna-se, para a pesquisadora, autora desse trabalho, como de demasiada importância e de grande significativo. Isso porque, de maneira tímida e inicial, este representa

· Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de São Carlos/UFSCar. Bolsista CNPq. Pedagoga e especialista pela UESB. Mestre em Educação e Contemporaneidade pela UNEB. Grupo de pesquisa: GRAFHO-Grupo de pesquisa Autobiografia, Formação e História Oral. E-mail: luciagferreira@hotmail.com



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

uma primeira interpretação das cartas que estão sendo trocadas, nesse ano de 2011, com os colaboradores da pesquisa.

A pesquisa está sendo realizada nos municípios de Macarani e Maiquinique, no interior da Bahia. Estes foram escolhidos, primeiro, por fazerem parte do Território de identidade 08 – Itapetinga, que se constitui como conseqüência da nova formação regional da Bahia, composto por 13 municípios. Foi solicitada autorização para a realização da pesquisa em cinco municípios desse território, mas apenas nos dois citados houve disponibilidade de colaboradores.

Assim, a pesquisa está sendo realizada partir da abordagem (auto)biográfica e do método das histórias de vida. Tem como fontes de coleta de dados instrumentos como questionário, cartas, entrevista narrativa, diário (auto) biográfico e ateliês biográficos. Nesse trabalho, será focado somente as cartas, mas estará exposto o perfil dos participantes coletados através do questionário.

Constitui os colaboradores dessa pesquisa duas mulheres professoras do município de Macarani e um homem professor do município de Maiquinique. Após a aprovação do projeto de tese pelo Comitê de Ética e Pesquisa da UFSCar, foi solicitada autorização para a realização da pesquisa e, a partir do deferimento da solicitação nesses lugares, a pesquisadora participou de uma reunião com os professores rurais, onde foi dada informações sobre a pesquisa. Após as explicações, esta conversou somente com os professores em início de carreira, a fim de convencê-los a participar da pesquisa. Ao final, três professores aceitaram colaborar e são com eles que a pesquisadora vem trocando cartas desde o mês de abril de 2011.

Ao mesmo tempo em recebe e escreve cartas, os colaboradores escrevem o diário (auto) biográfico e recebe visitas periódicas da pesquisadora. O trabalho a ser desenvolvido na tese citada objetiva analisar como configuram as práticas de (auto)formação nos anos iniciais da carreira docente, apreendendo sentidos de ser

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

professor(a) no meio rural, através de dispositivos expressos nas narrativas (auto)biográficas. Aqui, o objetivo é disponibilizar dados iniciais sobre a escrita das cartas e identificar nessas narrativas, marcas da (auto) formação do início da carreira.

O início da carreira

A formação inicial somente não é suficiente para a aprendizagem da docência. É necessária uma formação contínua, pois essa aprendizagem se dá num conjunto de teoria e prática, mas a formação pela reflexão nos permite pensar na possibilidade também de melhorar o ensino através da prática pedagógica. É válido ressaltar que o professor deve buscar fazer uma reflexão interior, uma autoreflexão a fim de se autoavaliar, pois:

O professor reflexivo faz de sua práxis espaço de análise crítica e local de formulação de conhecimentos e teorias. Não é alguém que descarta as construções teóricas já produzidas ou que dá extremado valor à prática cotidiana e os conhecimentos que advêm dela, mas sim estabelece uma relação estreita entre ambas, de forma a considerá-las preponderantes para o alcance da tão almejada qualidade da educação (DINIZ-PEREIRA; CAÑETE, 2009, p.20).

Diniz-Pereira e Cañete (2009) apontam para a necessidade do professor de ser crítico, reflexivo, pois o professor que articula teoria e prática numa busca da práxis e da qualidade da educação tem melhor condições de promover as mudanças tão almejadas. A formação enquanto processo de reflexão é necessária porque, como diz Zeichner (1993, p. 17):

Reflexão também significa o reconhecimento de que o processo de aprender a ensinar se prolonga por toda a carreira do professor e



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

de que, independentemente do que fazemos nos programas de formação e do modo como fazemos, no melhor dos casos só podemos preparar os professores para começar a ensinar.

Assim, o processo formativo e a atuação dos professores apresentam vinculação com o contexto social, histórico, político, econômico e cultural em que estão inseridas a educação e as suas práticas. De acordo com Tardif (2002), os docentes utilizam, no cotidiano de suas atividades, conhecimentos que estão articulados às suas vivências, aos seus saberes e as suas competências sociais.

A docência como uma construção e que, portanto deve ser aprendida é afirmada por Huberman (2007) que a liga as fases da carreira. Segundo esse autor, todos os professores vivenciam no decorrer da carreira as mesmas etapas, sendo que na entrada da carreira passam pela fase de sobrevivência, referenciada como o choque com o real e de descoberta, sendo o entusiasmo inicial. Na fase de estabilização, o docente passa a tomar consciência da sua função e responsabilidade, é a fase do comprometimento definitivo (entre quatro e seis anos da carreira). Essas primeiras fases são consideradas o período de socialização profissional dos professores. A terceira fase é de diversificação ou experimentação, em que estes docentes lançam-se sobre experiências pessoais; na fase posterior, pôr-se em questão, eles examinam a sua eficácia enquanto docentes e buscam uma situação profissional estável. Na seguinte, fase de serenidade e distanciamento afetivo, os professores se mostram menos preocupados com os problemas cotidianos da sala de aula e vão produzindo, um distanciamento afetivo com relação aos alunos. A fase de conservantismo e lamentações é a fase das queixas não construtivas, da negatividade quanto ao sistema de ensino e dos seus componentes. A última fase, o desinvestimento, caracteriza-se como sendo a fase do recuo e da interiorização, a preparação para a aposentadoria. Huberman (2007) situa cada uma dessas fases e o tempo conforme figura abaixo.

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Anos de serviço	Fases/Temas da carreira
1-3	Entrada, Tacteamto
4-6	Estabilização, Consolidação de um repertório pedagógico
7-25	Diversificação, "Activismo" Questionamento
25-35	Serenidade, Conservadprismo Distanciamento afectivo
35-40	Desinvestimento (sereno amargo)

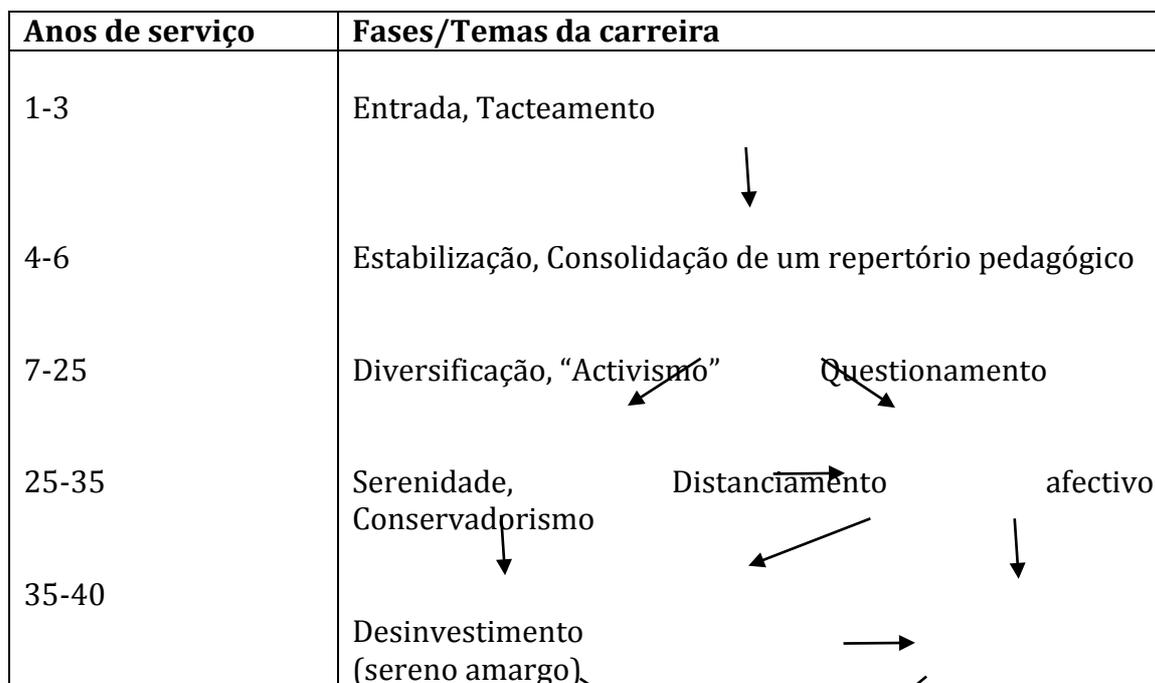


Figura 1: Fases da Carreira: modelo de Huberman (2007, p.47).

O desenvolvimento profissional não é tido como uma série de acontecimentos, mas como um processo que é influenciado por questões pessoais, profissionais e contextuais. Para algumas pessoas ele parece ser algo estanque, linear, mas para outras, cheia de mudanças, oscilações, descontinuidades, regressões (LIMA, 2006). Assim, é possível afirmar que os primeiros anos da carreira docente são realmente muito difíceis, já que os professores ainda estão em processo de conhecimento e adaptação à profissão. Mas nesse período, elementos como saberes e a prática pedagógica, situam-se como auxiliares na produção de muitos outros conhecimentos que auxiliam também na formação do professor.

Intento aqui um estudo do início da carreira profissional docente como um dos eixos desse trabalho, pois se acredito que os modos singulares de ser professor em um ciclo no qual os saberes docentes estão marcados muito mais pelas experiências escolares do que pela experiência da profissão recém inaugurada – os

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

anos iniciais da carreira - é relevante no processo de formação. Nóvoa (2006, p. 11) fala que:

Os primeiros anos de exercício nas escolas são essenciais para a configuração da identidade profissional docente. É nesse período curto que se joga o futuro de muitos professores, que se define uma relação mais ou menos confortável com o trabalho escolar [...] Infelizmente, somos deixados muitas vezes isolados nesta fase tão decisiva do nosso percurso. Sem ninguém com quem possamos dialogar. Sem ninguém para partilhar dúvidas e incertezas. Sem ninguém que nos ajude a superar os dilemas de uma profissão tão exigente.

O início da carreira é considerado como um “choque com a realidade” por remeter ao confronto inicial vivenciado pelos professores no exercício da profissão (HUBERMAN, 2007). Esse período é tido como aquele que os docentes sofrem os primeiros impactos com a realidade escolar e que os levam a reflexão sobre sua formação e prática pedagógica (SILVA, 1997). Silva refere-se a cinco categorias de manifestações indicadoras do choque com a realidade, sendo: 1) percepção dos problemas; 2) mudanças de comportamento; 3) mudanças de atitudes; 4) mudança de personalidade; 5) abandono da profissão.

Nesse período de iniciação a docência, há por parte dos professores muitas perspectivas do ato de ensinar (é tido como período de desafios), em que cada experiência vivenciada no início da carreira testa a capacidade de sobrevivência a esse processo de desenvolvimento profissional. Também são vivenciadas as discrepâncias existentes entre a teoria aprendida durante a formação inicial e a realidade da vida na escola, caracterizado pela maneira como foram formados e pelas constantes mudanças sociais, e este período se transforma num contexto propício ao aparecimento de dilemas. Isso se dá porque estes professores estão inseridos num sistema de ensino que os deixam entregues a si próprios, a sua própria sorte, sem um apoio estruturante (SILVA, 1997).



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

A docência é enfrentada nos primeiros anos da carreira como uma descoberta, e essa iniciação tem se revelado como importante fase no processo de aprender a ser professor. Nesse estudo, considero professores em início de carreira, aqueles que tenham até cinco anos de docência, segundo a concepção de Tardif (2002). Estes professores que têm muitas de suas práticas muito vinculadas aos desafios e dilemas (COSTA; OLIVEIRA, 2007).

Destaco da pesquisa de Ferreira (2010), realizada com professoras da zona rural do município de Itapetinga-BA, durante os anos de 2008 e 2009, o fato das professoras mais experientes, ou seja, com mais tempo na docência serem as que melhor realizavam um trabalho docente. Isso explica que os professores mais experientes trabalhavam com a realidade dos alunos e que os professores que estão em início de carreira, mas que atuam na zona rural tem maior proporção de encontrar grandes desafios no desenvolvimento profissional. Nesse segundo, entendo que o começo da profissão docente já institui um processo que revela insegurança e dúvidas e é fato que iniciar a carreira docente na zona rural, em uma classe multisseriada, agrava ainda mais esse problema.

Entender os caminhos da aprendizagem da docência, trilhados por professores da zona rural em início de carreira é entender como esses profissionais se tornam professores, como constroem a sua identidade docente, já que esta é confrontada com uma formação que é urbana, mas que a prática é iniciada no meio rural. É entender como constroem saberes naquele contexto e para aquele contexto. Tudo isso me leva, a questionar sobre a necessidade do professor reflexivo para atuar na zona rural, aquele que não se contenta com a rotina, mas que faz de sua prática, todos os dias uma nova prática, baseada num trabalho de reflexão sobre o seu trabalho e desenvolvimento profissional.

As cartas...



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

A proposta das cartas é de serem trocadas por um período de um ano letivo, no caso, durante o ano de 2011. Estas vêm sendo trocadas através do correio eletrônico e do correio tradicional (convencional).

Essas cartas configuram-se como textos epistolares e é uma importante fonte de pesquisa por possibilitar o diálogo entre os colaboradores da pesquisa e a pesquisadora e é uma fonte que se utiliza das narrativas das experiências de vividas em diferentes fases da vida, espaços e tempos, revelando seu caráter memorístico.

As cartas são instrumentos de cunho social que tem a função da comunicação, de aproximar pessoas ausentes ou distantes, além de estarem ligadas a memória e também ao arquivamento do eu. Segundo Paiva (2006, p.27), se escrevem cartas para “conhecer e ser conhecido; para se informar, expressar opiniões e sentimentos, narrar acontecimentos; para alívio próprio, para ser lido por um ou por muitos. Escreve-se, antes de tudo, para conhecer a si mesmo”. Nesses textos, privilegiaremos a informação biográfica, aquilo que for colocado pelos professores, por ser esta uma escrita formativa, e será explorada aspectos ligados aos dilemas profissionais que estarão sendo vivenciados no percurso de vida-formação desses professores iniciantes.

Escrever sobre si é uma forma de organizar vivências. Para escrever sobre a vida torna-se necessário abrir o baú de memórias e passar por entre as lembranças. Escrever sobre a própria vida permite ao sujeito que escreve formar-se. A formação também acontece a partir da experiência da escrita, num processo de (auto)formar-se, refletindo sobre si. Dessa forma, nessa perspectiva, as cartas como escrita de si torna-se também um instrumento formativo.

Paiva (2006) fala-nos das cartas como arquivos da memória e arquivos pessoais. Artières (1998, p.11) fala que arquivamos a própria vida. “Arquivar a



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência”. Dessa maneira, conservarmos algumas coisas e outras jogamos fora; e em cada triagem jogamos mais papéis, por exemplo, fora; assim preservamos umas memórias e outras não. As cartas também são papéis, muitas vezes aguardados, que fala muito de nós.

No livro “Papéis Guardados”, de Mignot (2003), a autora expõe várias figuras dos papéis guardados por estudantes ao longo da vida, sendo fotografias, diários, cadernos escolares, trabalhos escolares, cartas, cadernos de caligrafia, boletim escolar, cadernetas de professores etc. As escritas nesses papéis são como letras que duram, guardadas. Ainda, Mignot e Cunha (2006) referem-se a guardar como

Guardar é diferente de esconder. Guardar consiste em proteger um bem da corrosão temporal para melhor partilhar; é preservar e tornar vivo o que, pela passagem do tempo, deveria ser consumido, esquecido, destruído, virado lixo. Papéis escritos tidos como “ordinários”¹ tais como cartas, diários, autobiografias, dedicatórias, cadernos de receitas, cartões de felicitações e cartões-postais, até então escondidos dentro de gavetas, armários e caixinhas, “[...] tornam-se presentes como uma voz que nos interpela.” (FELGUEIRAS; SOARES, 2004, p. 110). Esses papéis guardam histórias individuais e familiares, trazem marcas da escolarização e permitem pensar distintas interpretações da escola e da educação (p.41).

As cartas podem conservar a vida. Camargo (2000, p. 205), “[...] cartas que são textos porque são produções escritas; cartas que são discursos, porque nelas se buscam significações históricas”. Estas guardam muito da vida. Segundo Camargo (2000, pp. 203-228).



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Ao se rastrear e analisar o ato de escrever, vão emergindo modos como histórias de escrita são registradas através da escrita das cartas, da correspondência no seu conjunto, do texto, dos procedimentos. Cartas que são datadas e por isso delimitam lugares e momentos particulares na história dos sujeitos e da cultura. Na emergência dessas histórias, sujeitos que escrevem e lêem cartas deixam suas marcas, que podem indicar pistas para uma leitura da constituição do sujeito da escrita, na escrita.

Nesse trabalho, as identidades dos colaboradores serão preservadas, por uma questão ética e também porque, como diz Paiva (2006, p.32) as “cartas são, sem dúvida, um dos documentos que mais envolvem a conflituosa relação entre o público e o privado”. Ainda, porque, segundo a Constituição Federal, no inciso XII do artigo 5º “é inviolável o sigilo da correspondência” (ANGHER, 2005 apud PAIVA, 2006, p.32).

Os perfis dos colaboradores da pesquisa já citada estão expostos na tabela abaixo.

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Tabela 1: Perfil dos colaboradores da pesquisa.

Colaboradores	Sexo	Idade	Estado civil	Nº Filhos	Formação	Tempo que atua como professor(a)	Tempo que atua na zona rural	Situação funcional
A	M	35	Casado	0	Magistério do ensino médio	4 meses (desde fevereiro de 2011)	4 meses (desde fevereiro de 2011)	Efetivo
B	F	28	Solteira	1	Magistério do ensino médio	4 meses (desde fevereiro de 2011)	4 meses (desde fevereiro de 2011)	Contratada
C	F	29	Solteira	0	Magistério do ensino médio	1 ano e 4 meses (desde fevereiro de 2010)	1 ano e 4 meses (desde fevereiro de 2010)	Contratada

Fonte: Dados coletados através do questionário.

No início do mês de abril entreguei pessoalmente uma carta-convite às professoras colaboradoras, em Macarani; e no final do mesmo mês, entreguei para os colaboradores em Maiquinique. Em Macarani havia duas professoras em início de carreira, das duas recebi carta resposta positiva, aceitando participar da pesquisa; em Maiquinique havia dois professores, desses somente de um recebi resposta da carta. Foi dessa forma que estes se constituíram os três colaboradores

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

da pesquisa, com quem a pesquisadora dialoga através das cartas e de encontros esporádicos que acontecem em dias de planejamentos.

Até o presente momento recebi quatro cartas do professor de Maiquinique, pelo correio eletrônico. Essas se iniciaram no mês de maio e a troca acontece de maneira mais rápida. Das professoras de Macarani, recebi três cartas, sendo que, todas da colaboradora B pelo correio convencional (pela agência dos Correios), e todas da colaboradora C por portadores, configurando-se o recebimento de uma carta por mês, devido ao tempo que se leva para que estas cheguem até minhas mãos.

As cartas revelam histórias de vida, sentimentos, desafios, frustrações, origem e composição familiar etc. A primeira carta recebida pelo colaborador A, ele disse apenas sim, aceitando ao convite, no corpo do email. A colaboradora B enviou-me junto com a carta em que aceitava participar da pesquisa, um texto chamado “Onde você coloca o sal?”. A colaboradora C, enviou um texto que se chamava “A janela”. Na carta, esta não disse sim ou não, falou um pouco de si. Entendi isso como um sim. Nem uma das duas comentou o texto enviado. As cartas foram escritas em folhas de cadernos grandes (patadas).

Na segunda carta recebida, ambas, B e C, comentam os textos enviados, conforme solicitado pela pesquisadora. A carta de B foi escrita numa folha de caderno grande, frente e verso. Chamou atenção da pesquisadora o contorno feito de hidrocor preto na frase “prezada amiga” e as flores e folhas desenhadas de ambos os lados. Ela sempre se refere a pesquisadora como “amiga”. E conforme solicitado, B também fala que o texto enviado é uma reflexão de sua vida, se desabafa e conta coisas íntimas. A carta de C foi escrita em duas folhas de cadernos grandes, sem utilizar o verso. “Querida” é forma de tratamento usada para referir-se a pesquisadora, o comentário do texto enviado vem logo no começo. No conteúdo dessa carta, uma frase “enviei o texto a você por ter me simpatizado com



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

“você”. Dessa forma, foi se constituindo a relação entre a pesquisadora e as colaboradoras B e C. O colaborador A, falou, na segunda carta, que gosta de desafios e sobre a profissão docente e sua relação com ela.

A terceira carta B fala de suas pretensões e que ainda não descobriu sua vocação e que talvez não seja ser professora. A colaboradora C diz que ela está em busca da estabilidade financeira e que pretende continuar lecionando. O colaborador A falou de si e dos desafios da escola rural onde leciona. Na quarta carta esse mesmo colaborador fala de sua origem e constituição familiar.

CONCLUSÕES

O trabalho sobre o arquivamento da vida é ao mesmo tempo difícil e prazeroso. Digo isso porque escrevo diário desde o ano de 2008, quando ingressei no curso de mestrado. Posso dizer que é gratificante. Dialogar com esses sujeitos, através de cartas, tem sido uma experiência familiar e ao mesmo, diferente. Nunca sei como eles vão me responder as cartas; nunca sei se eles vão responder o que perguntei e nunca sei quando vão me responder. Mas acabo recebendo as cartas deles sempre; e quando recebo uma carta de algum deles, faço logo minhas anotações (dia e hora em que recebi e de que forma). Procuro sempre o melhor momento para lê-las. Quando leio, percebo minha responsabilidade como formadora de professores e como pesquisadora da área; percebo-me as vezes fazendo pouco, mas de outras vezes, me esforçando o suficiente. Percebo-me implicando-se e distanciando-se (o necessário) de meu objeto de estudo.

Gostaria de concluir essa breve escrita sobre a escrita epistolar de professores rurais em início de carreira, chamando a atenção para a importância das narrativas contidas nas cartas trocadas entre pesquisadores e professores. Essas escritas são reveladoras da vida e merecem atenção.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

REFERÊNCIAS

- ARTIÈRES, P. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998.
- CAMARGO, M. R. R. M. Cartas adolescentes. Uma leitura e modos de ser... In: MIGNOT, A. C. V.; BASTOS, M. H. C.; CUNHA, M. T. S. (Org.). **Refúgios do eu: educação, história, escrita autobiográfica**. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 203-228.
- COSTA, J. S.; OLIVEIRA, R. M. M. A. A iniciação na docência: analisando experiências de alunos professores das licenciaturas. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, 10(2): 23-46, 2007.
- DINIZ-PEREIRA, J. E.; CAÑETE, L. S. C. A escrita do diário de bordo e as possibilidades da reflexão crítica sobre a prática docente. In: LACERDA, M. P. (Org.) **A escrita inscrita na formação docente**. Rio de Janeiro: Rovel, 2009, p.17-36.
- FERREIRA, L. G. **Professoras da zona rural: formação identidade, saberes e práticas**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade: Universidade do Estado da Bahia, 2010.
- HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In. NOVOA, A (Org.). **Vida de professores**. Porto: Porto Editora, 2007, p.31-61.
- LIMA, A. C. E. **Caminhos da aprendizagem da docência: os dilemas profissionais dos professores iniciantes**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade: Universidade do Estado da Bahia, 2006.
- MIGNOT, A. C. V. **Papéis guardados**. Rio de Janeiro: UERJ, Rede Sirius, 2003.
- _____; CUNHA, M. T. S. Razões para guardar: a escrita ordinária em arquivos de professores/as. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 25, n. 11, p. 40-61, jan./abr. 2006
- NÓVOA, A. Prefácio. In: SOUZA, E. C. **O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores**. Rio de Janeiro: DP & A; Salvador, BA: UNEB, 2006. pp. 9-12.
- PAIVA, K. B. **Histórias de amizade: as cartas de Mário, Drummond e Cecília para Henriqueta Lisboa**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.
- SILVA, M. C. M. O primeiro ano de docência: o choque com a realidade. In ESTRELA, M.T. (Org.) **Viver e construir a profissão docente**. Porto: Editora, 1997. p.51-80.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

SOUZA, E. C. **O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores.** Rio de Janeiro: DP & A; Salvador, BA: UNEB, 2006.
TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis: Vozes, 2002.
ZEICHNER, K. M. **A formação reflexiva de professores: idéias e práticas.** Lisboa: Educa, 1993.